

NÓS DA ESCOLA

MULTIRIO

Ano 2 • nº 20 • 2004 • www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola



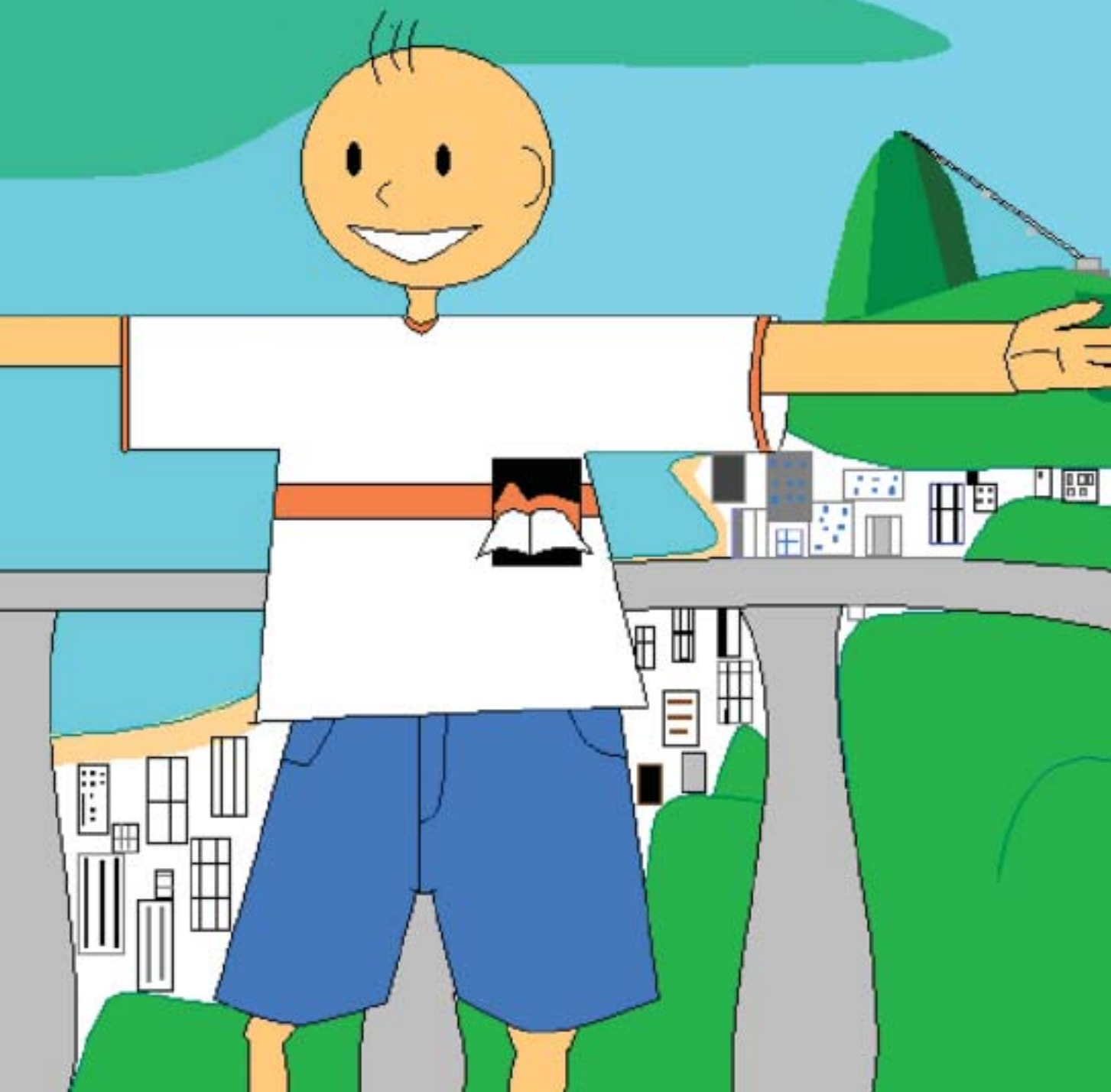
Texto e ilustração:
O papel da imagem nos livros

ISSN 1676-5141



9 771676 514202 00020

Desenho feito em Paint Brush®
(programa de computador) pelo
aluno Anderson Paiva de
Oliveira, da Escola Municipal
Leonel Azevedo, Ilha do
Governador, Zona Norte.



NÓS DA ESCOLA

ano 2 nº 20 2004

editorial

Sobre as imagens nas publicações 04

ponto e contraponto

A força da imagem nos livros infantis 06

zoom

4ª Cúpula de Mídia para Crianças e Adolescentes 10

professor on-line

Rio Ônibus Criança 12

rede fala

História em quadrinhos 14

Softwares educacionais 16

capa

Imagens em impressos 18

atualidade

Tocha olímpica 25

Tabagismo 28

caleidoscópio

Século XX1 30

especial

Centenário de Pablo Neruda 32

tudoteca

Livros e vídeos 34

MULTIRIO

Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210 - www.multirio.rj.gov.br
ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br - Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Maria Inês Delorme Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • Éliada Vaz Assessora de comunicação e ouvidora • Antonio Castro Assessor artístico • Guaira Miranda Gerente de multimídia

Equipe de produção: Alberto Jacob Filho Fotografia • Cristina Campos, Joanna Miranda e Suely Barreto Conteúdo • Eduardo Filipe Ilustração • Elias Moraes Produção gráfica • Marcus Tadeu Tavares e Marcelo Rocha Reportagem • Martha Neiva Moreira Edição • Nancy A. Soares Revisão • Tania Oliveira Projeto gráfico • Luciana Gobbo Direção de arte e diagramação

Esdeva Indústria Gráfica S/A Impressão CTP • Tiragem 40 mil exemplares

Capa Antonio Castro / fotomontagem sobre pintura de Amanda Casadio

Sobre as imagens nas publicações

Os materiais impressos, tais como livros, revistas, gibis, jornais e cartazes, foram fortemente influenciados pela televisão e pela crescente popularização do uso de imagens, nas diferentes mídias, impactando as relações do homem moderno com seu tempo e seu espaço, de forma inegável.

Os materiais impressos, em especial o livro, como seu mais nobre representante, teve também a relação texto/ilustração, que aqui será chamada de imagem, bastante remodelada ao longo da história.

Até há algum tempo, havia nos livros uma predominância de texto escrito sobre imagens e, também, uma compreensão quase unânime de que livros “sérios” e para adultos deveriam ser densos e pobres em imagens.

As ilustrações ou gravuras tinham a função de garantir um possível sentido ao material lido, em geral aquele que supostamente estaria carregado da intenção do seu autor.

O lugar da imagem, hoje, não é o de confirmar nem garantir sentidos nem significados; na maioria das vezes ela se integra ao texto para destacar ou para omitir, para questionar ou para assegurar, e/ou, ainda, para convidar o leitor a algumas dessas ações articuladas.

O que sabemos é que livros e impressos conquistam não somente pelo título, autor e editora, mas também pela sua cor, seu formato e até pelo seu cheiro.

Comprados ou ganhos, emprestados ou cedidos, os livros e os impressos permanecem capazes de guardar para si as múltiplas químicas resultantes de reflexões e de sentimentos, de encontros e de viagens que proporcionam a cada um de seus leitores.



Maria Inês Delorme
Diretora de Publicações

Depoimento

Gostaria de compartilhar a emoção que nossa Escola está vivendo com nosso aluno Bruno, portador de paralisia cerebral parcial. Estamos muito felizes por cada progresso seu e todo o mérito dessa transformação está acontecendo pela sensibilidade e amor de sua professora Sylamari. Outro dia, observando a euforia dela por mais uma façanha do Bruno, me lembrei da dedicatória que escrevi quando a professora foi sorteada e ganhou um livro em nosso Centro de Estudos: “A mim pouco importa quantos pensadores ou educadores o professor conhece (embora seja, também, importante conhecê-los). A mim, pouco importa quantos métodos de alfabetização esse professor domina, se ele nunca chega com todo esse conhecimento, ao coração do seu aluno, se não se mostra importante para ele e não tem paixão pelo que faz. E, finalizando, eu lhe disse que cada um dos artistas daquele livro, através de sua arte, contribuía um pouquinho para mostrar ao mundo o que se pode fazer por uma criança para torná-la parte de nossas vidas, através do amor, o único sentimento que pode modificar alguém”. Pois bem, o amor fez com que o Bruno enxergasse não com a sua visão física, porque enxerga muito pouco, mas com sua visão de alma que transcende toda a nossa compreensão. Ele aprendeu a confiar, graças a Deus. Em 28 de maio, Bruno conseguiu, pela primeira vez, almoçar pelas mãos da professora. Resolvi compartilhar esta alegria, pedindo-lhes que o meu depoimento possa ser publicado como um reconhecimento ao trabalho da professora Sylamari, agradecendo-lhe pela lição de vida que ela está passando para todo o grupo de nossa Escola. É uma mistura de esperança, respeito, compaixão e uma fé profunda de que tudo pode mudar de verdade se nós acreditarmos. E fico muito feliz, mais uma vez, quando estou diante de um professor que consegue chegar ao coração do seu aluno e sobretudo faz com que ele se torne parte integrante de nossas vidas. Esse é o nosso presente maior. Obrigada, Professora Sylamari.

Angela Maria Quintieri

Diretora da E.M. Professora Vera Saback Sampaio (via e-mail)



Crianças e super-heróis

Oportuna e muito bem encaminhada a entrevista com Raquel Salgado, professora da área de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (**Nós da Escola**, 19, páginas 6 a 9). Suas observações e conclusões sobre o desenho animado no dia-a-dia das crianças foram reveladoras, contribuindo para o meu trabalho com os alunos. Embora não pertença à Rede Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, sou fã desta publicação. Parabéns à equipe pelo belo trabalho que vem realizando.

Ana Lúcia Tavares Teixeira

Professora da rede particular de ensino do Rio de Janeiro (via e-mail)

N.R. Professora Ana Lúcia, a equipe da MULTIRIO agradece a mensagem e o apoio.

Errata

O crédito da foto de capa de **Nós da Escola** nº 19 está incorreto. Os nomes das crianças são: Maxwell Fagundes Marinho, Valquíria Carneiro Dazzi Fraga e Júlia Pereira Soares, da EM Roberto Burle Marx.

■ a força da imagem

“Uma imagem vale por mil palavras”. Pensando rapidamente e levando em conta que somos bombardeados diariamente por inúmeras imagens, a sabedoria popular parece corretíssima. Se pararmos para refletir sobre os significados daquilo que vemos nas ruas, em propagandas, na TV, na internet etc., chegamos à conclusão que nem sempre as imagens veiculadas hoje nos desafiam e fazem pensar. “A imagem que tem se sobreposto à palavra é massificada, de comunicação ágil, muitas vezes simplificada”, explica Ninfa

Parreiras. Psicóloga, especialista em literatura infantil e pesquisadora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) ela acredita, por isso, que mais do que nunca é importante se pensar e discutir sobre o significado daquilo que vemos. “A leitura de imagens não faz parte da formação do nosso olhar. Na escola é comum depois da pré-escola se valorizar mais um aluno que fez um texto mais ou menos do que um outro que fez um excelente desenho”. Nesta entrevista ela trata da relação entre texto e imagem na literatura infantil e dá um recado: “Os professores devem ser leitores, que manuseiam livros, discutem, refletem. E podem reeducar o olhar, visitando exposições e lendo as imagens, reservando um certo tempo para a reflexão e a discussão com seus pares.

Fazer uma leitura crítica de tudo que lhe cai nas mãos, olhar, ver, pensar, indagar e se intrigar com o que está vendo. E, sobretudo, desconfiar do que lê, ser curioso”.



Numa época em que a imagem, muitas vezes, se sobrepõe à palavra, que relação se estabelece entre a ilustração e o texto, nos livros de literatura infantil?

A imagem que tem se sobreposto à palavra é uma imagem massificada, uma imagem de comunicação ágil, muitas vezes simplificada. Sua missão é vender um determinado produto, ela está a serviço de um comércio. Trata-se de uma imagem dos tempos de globalização, de consumismo exacerbado, que é divulgada como um produto enlatado. Já a imagem presente na literatura infantil de qualidade que defendemos é uma imagem artística, sem massificações. É uma imagem com identidade, comprometida com o discurso literário, com o livro, que carece de tempo para leitura e reflexão. A relação que se estabelece entre o texto e a ilustração deve ser uma relação de partilha, uma aliança, é um casamento que se dá; os dois contam a história com linguagens diferentes. O livro para crianças tem uma particularidade de trazer juntos o texto e a imagem, voltados para o deleite da criança. Não quer dizer que o ilustrador vai copiar em desenhos as palavras do autor. Na relação de parceria dos dois artistas, cada um cria e constrói a história com a linguagem utilizada: desenho ou palavra.

Qual é a melhor parceria, que deveria estar presente em bons livros para crianças, entre texto escrito e imagem?

A melhor parceria é aquela em que texto e imagem estão a serviço da arte, do entretenimento, do imaginário da criança. É a parceria do texto e da imagem que fala para a criança de uma forma fantasiosa, sem maniqueísmos, sem lições moralizantes. A boa parceria, em que uma história é contada em palavras e em desenhos; e o único compromisso é o entretenimento da criança leitora. Isso porque para a criança é fundamental a apresentação dessas duas linguagens. A criança precisa do desenho e da imagem, além da palavra. A imagem possui uma estrutura condensada, como a poesia e os sonhos noturnos. São linguagens



“A relação que se estabelece entre o texto e a ilustração deve ser uma relação de partilha, uma aliança, é um casamento que se dá; os dois contam a história com linguagens diferentes”

que traduzem sentimentos desconhecidos, o nosso inconsciente mesmo. Ao tomar contato com essa linguagem, a criança encontra caminhos para fluir a sua imaginação, muitas coisas são associadas e sentidas por ela.

Você acha que a forma de ocupar o espaço gráfico na literatura infanto-juvenil, por conta dessa massificação da imagem, mudou?

A mudança que percebemos na literatura infanto-juvenil diz respeito à apresentação gráfica dos livros, e para melhor. De uns cinco anos para cá, os livros estão recebendo um acabamento e cuidados gráficos de qualidade. Os editores passaram a investir na estética do livro, na escolha de um bom papel, com texto e ilustrações bem diagramados. Muitas vezes, o editor convida um artista ilustrador para acompanhar o feito gráfico do livro. Há editores que primam pela beleza do livro, como um objeto de comunicação/entretenimento/arte, não um objeto de consumo descartável. Reconhecemos que as mudanças na economia brasileira, quando o país teve suas portas abertas para as importações, facilitaram o aperfeiçoamento da produção editorial brasileira. Mas também lamentamos pelas produções editoriais que utilizam imagens massificadas e estereotipadas, reduzindo a criança a um ser de pouca inteligência. ▶



Em que medida você acha que as imagens rápidas da TV (clipadas) influenciam as ilustrações de literatura infanto-juvenil?

Não vejo uma influência direta. O que se repercutiu nas ilustrações foi o avanço do computador. Artistas como a ilustradora Angela Lago conseguem excelentes resultados no computador. Os ilustradores têm experimentado o computador como instrumento de trabalho. Contudo, admitimos que há artistas ilustradores que reproduzem imagens da TV e do cinema, sem criar uma identidade própria, “clipando” as ilustrações. Podemos dizer que há muitas coisas boas acontecendo na produção de literatura infanto-juvenil, como o avanço da apresentação gráfica de um livro, mas há também as coisas mal resolvidas, como as produções que utilizam papel de baixa qualidade, ilustrações que copiam/reproduzem desenhos de filmes, que não trazem a complexidade das características de um personagem. Por exemplo, um personagem de um conto de fadas retratado num filme perde as ambigüidades, ou ele é do bem ou é do mal. Fica uma leitura maniqueísta, bem diferente daquela do texto original, que deixa uma porta aberta para a imaginação da criança.

Que outros caminhos o “objeto livro” pode trilhar nessa sociedade altamente tecnologizada?

O objeto livro parece ter um espaço garantido na nossa cultura. Um dos caminhos a serem trilhados pelo livro é a convivência com a internet, com a TV, com o celular e com o que está por vir, em termos de avanços tecnológicos. São meios de comunicação e de expressão que possuem uma linguagem própria, diferente da do livro. Para se ler um livro, precisa-se de pouco, por um lado, como iluminação suficiente e o próprio livro. Dispensa-se uma conexão e uma bateria; mas por outro lado, precisa-se de tempo, de concentração, de silêncio, de solidão. A leitura põe o leitor em contato com a subjetividade, com os sentimentos desconhecidos e consigo mesmo.



É possível registrar mudanças nos critérios de avaliação do que seria um bom ilustrador?

Um bom ilustrador, há um tempo atrás, era aquele que criava sem fugir muito à idéia do texto, que criava belas ilustrações. Muitas vezes, a ilustração funcionava como uma legenda da parte escrita. Hoje, o que se valoriza é a leitura que o ilustrador faz da história. Ele não precisa repetir o que está no texto, ele vai trazer aquela história em imagens, podendo introduzir desenhos de coisas que não foram sequer mencionadas no texto, mas que têm uma pertinência na história. O bom ilustrador é aquele que “reconta” a história em imagens. É aquele que se mostra um artista dos desenhos, fazendo uma história acontecer em imagens.

Na literatura infantil há muitos livros sem “texto escrito”, feitos só de imagens. O que caracteriza esta ‘arte’ de contar histórias por imagens?

São livros comuns no Brasil, que têm sido publicados com a autoria de artistas brasileiros, raramente de ilustradores de fora. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), por exemplo, tem um prêmio para esta categoria de livro para crianças, O Melhor Livro de Imagem. Contudo, é um livro difícil de ser trabalhado nas escolas, pois falta subsídio aos professores, que não tiveram uma formação artística nem estética. A formação deles dá mais espaço ao texto, não à imagem. As escolas de magistério não oferecem opções para a formação do professor nesta área. É quase impossível você ler uma linguagem com a qual você não está familiarizado. Por sua vez, contar histórias por imagens requer um compromisso com a arte de narrar, uma coerência com o que está sendo narrado. O que caracteriza esse tipo de obra é a história feita sem as palavras, com seus conflitos e soluções traduzidos em desenhos. É um tipo de livro que dá trabalho para ser lido. Há alguns, inclusive, que certas crianças já alfabetizadas podem ter dificuldades em ler, por não estarem familiarizadas com a leitura de imagem ou pela complexidade de sentimentos da história, como as obras *Cena de rua*, da Editora RHJ, e *Cântico dos cânticos*, da Editora Paulinas, ambas de Angela Lago. São livros não somente para a criança, mas também para o jovem, para o adulto.



“ Os professores devem ser leitores, que manuseiam livros, discutem, refletem. E podem reeducar o olhar, visitando exposições e lendo as imagens, reservando um certo tempo para a reflexão e a discussão com seus pares ”

De uma forma geral, os professores não têm uma formação voltada para a leitura de imagens. O que você poderia dizer para aqueles que querem trabalhar com imagens em sala de aula?

Os professores devem ser leitores, que manuseiam livros, discutem, refletem. E podem reeducar o olhar, visitando exposições e lendo as imagens, reservando um certo tempo para a reflexão e a discussão com seus pares. Fazer uma leitura crítica de tudo que lhe cai nas mãos, olhar, ver, pensar, indagar e se intrigar com o que está vendo. E, sobretudo, desconfiar do que lê, ser curioso. Parece até uma receita, mas não é, no fundo estamos falando de uma mesma coisa: deixar a história em imagens tomar conta de seu imaginário, entrar mesmo na história, como fazemos com as palavras. E começar a ler quadros e gravuras, aprofundando a leitura. Para se trabalhar um livro de imagens na sala de aula é preciso que aquele livro seja conhecido pelo professor, que haja algum vínculo entre os dois.

As crianças e jovens de hoje estão lendo mais ou menos, levando-se em conta o efetivo aquecimento do mercado brasileiro de livros com produções que se destacam pela qualidade?

Parece-nos que as crianças lêem mais hoje. Porém, é difícil tal afirmação, num mercado de diferentes ofertas, como filmes, TV, internet... Em relação aos programas de incentivo à leitura, podemos dizer que hoje há muito mais iniciativas dos governos, de ONGs, de instituições diversas. Isso porque a FNLIJ é uma instituição pioneira no Brasil, com o primeiro programa nacional de incentivo à leitura, realizado na década de 1980, o projeto Ciranda de Livros. Depois dele, vieram outras iniciativas. E continuam a vir outras, como as compras de livros feitas pelas prefeituras e pelos Estados. Agora, em 2004, a FNLIJ está promovendo o 9º Concurso “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura”, junto a crianças e jovens de todo o Brasil. Pelos resultados dos concursos anteriores, percebemos a variedade de iniciativas pelo Brasil, fazendo com que o livro chegue até as crianças menos favorecidas, por meio de barco, de jipe...

O que os professores devem fazer para que seus alunos descubram o prazer da leitura?

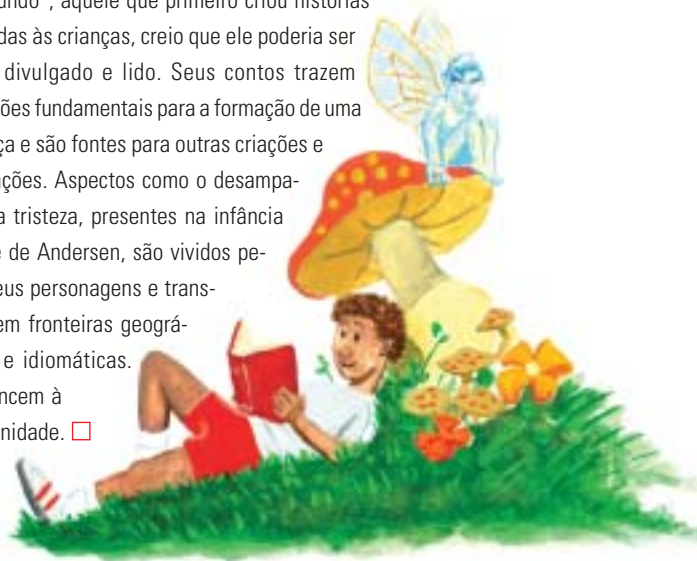
Os professores devem, acima de tudo, gostar de ler, de apresentar novos livros e histórias para as crianças. Ler com e para as crianças. Se o professor não lê, como fazer com que o aluno leia? O livro tem que estar presente na escola, de preferência numa biblioteca aberta aos alunos, para leitura e empréstimo. Mas a grande missão de aproximar a criança dos livros é da família. Como o adulto é o mediador da relação criança/livro, isso deve começar cedo, em casa, com o bebê. Oferecer livros, revistas e materiais impressos para que a criança desde cedo se familiarize com eles.

Em 2005, vamos comemorar os 200 anos de nascimento de Hans Christian Andersen, considerado o pai da literatura infantil no mundo. Como é vista a obra de Andersen aqui no Brasil?

A obra de Andersen, escrita originalmente em dinamarquês, está traduzida no mundo todo. É um dos autores mais traduzidos em diferentes línguas, porém são poucas suas histórias conhecidas, reunidas em coletâneas. Em especial, no Brasil, temos editoras que fizeram edições cuidadas como a Ática, a Companhia das Letrinhas e a Martins Fontes, com livros lindamente ilustrados, com introduções comentadas. Certamente, com a comemoração de 200 anos, vão ser publicadas histórias dele que nem conhecemos, até porque Andersen deixou mais de uma centena de histórias, contos de fadas, que podem ser lidos e apreciados por crianças, jovens e adultos. Como ele é considerado o “pai da literatura infantil no mundo”, aquele que primeiro criou histórias dirigidas às crianças, creio que ele poderia ser mais divulgado e lido. Seus contos trazem questões fundamentais para a formação de uma criança e são fontes para outras criações e recriações. Aspectos como o desamparo e a tristeza, presentes na infância pobre de Andersen, são vividos pelos seus personagens e transcendem fronteiras geográficas e idiomáticas. Pertencem à humanidade. □



// A grande missão de aproximar a criança dos livros é da família. Como o adulto é o mediador da relação criança/livro, isso deve começar cedo, em casa, com o bebê. Oferecer livros, revistas e materiais impressos para que a criança desde cedo se familiarize com eles //



Torre de Babel

Ao final da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, ocorrida no Rio de Janeiro, de 19 a 23 de abril, a certeza de que o evento foi um sucesso podia ser comprovada no rosto de cada participante mirim que se multiplicava pelos quatro cantos da Escola Naval, sede do encontro. Não foi mais um evento com a proposta de discutir temas relacionados à qualidade do que foi, é ou será produzido na mídia para crianças e jovens. Para esses pequenos espectadores, a cúpula tornou-se um verdadeiro centro de troca de impressões entre povos e culturas. Cerca de 70 países estavam representados, pontuando realidades extremamente diversas, como as vividas por crianças da Nigéria, na África, ou de jovens bolivianos, nossos vizinhos sul-americanos. Diferenças que foram deixadas de lado naqueles quatro dias de evento, onde a língua falada ou a roupa usada não fazia a menor diferença. Leia a seguir, depoimentos de crianças que participaram do encontro e que, muito provavelmente, não devem esquecer tão cedo do que por aqui viveram e sentiram.

“Na minha opinião, o melhor de tudo foi poder conhecer amigos de outros países e, juntos, construir uma carta descrevendo tudo o que aconteceu por aqui. Valeu muito mesmo”

ROBERTO MARTINEZ (El Salvador)



“Tirei várias lições participando desse evento. Principalmente, que as crianças devem estar nos meios de comunicação e as produções não devem ser destinadas unicamente ao público adulto, como ocorre em meu país”

CARLA ALEJANDRA RAMÍREZ (Bolívia)

“As crianças têm o direito e o dever de ter responsabilidades. Nós somos o futuro, o futuro somos nós. Esse evento foi importantíssimo para não esquecermos disto”

ADAMU MOHAMMED NURA (Nigéria)

“Tudo foi muito interessante. Mas o que mais me chamou a atenção foram as oficinas de rádio, animação e internet. Com a experiência adquirida aqui na 4ª Cúpula espero poder ampliar e melhorar a rádio da minha escola”

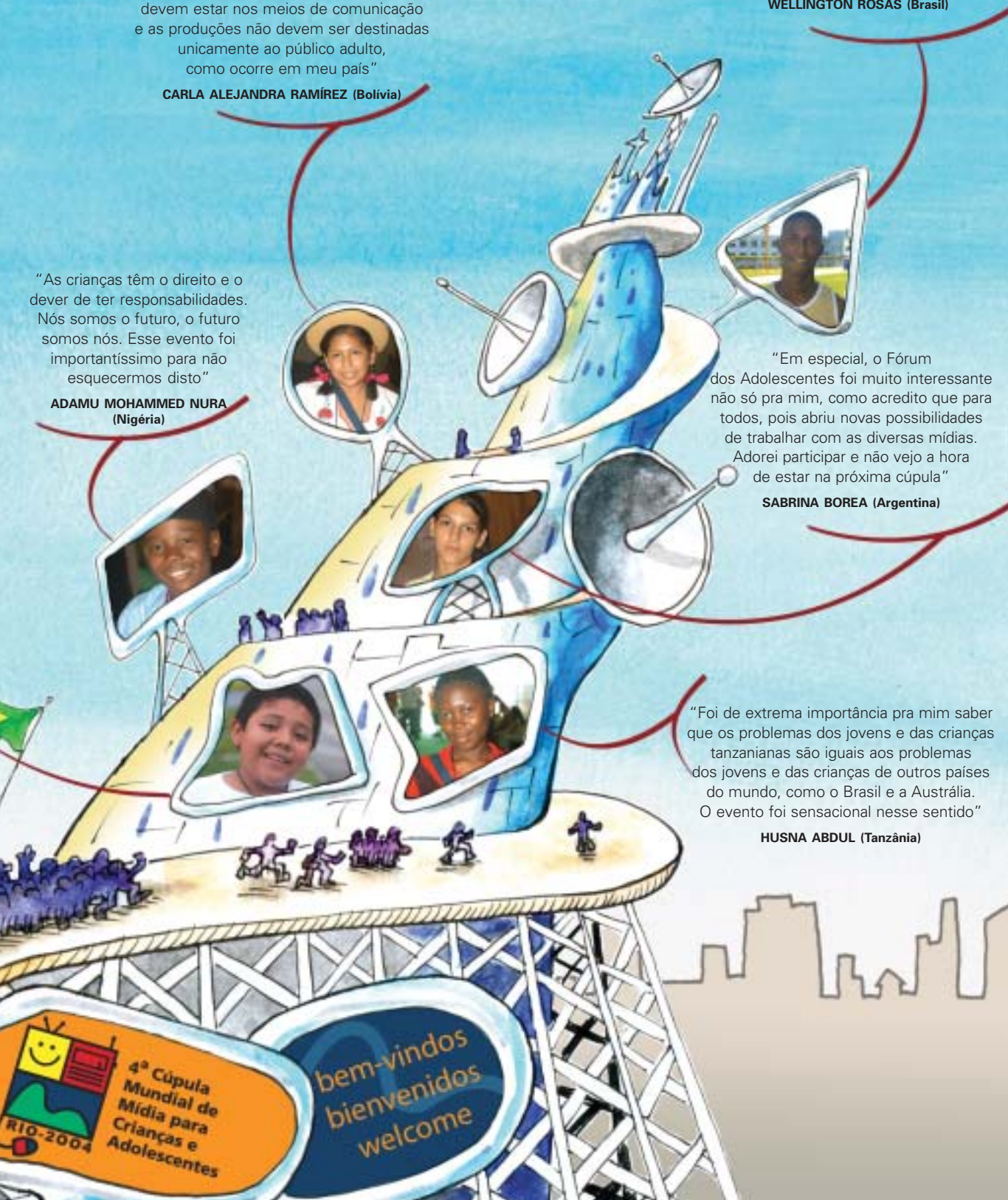
WELLINGTON ROSAS (Brasil)

“Em especial, o Fórum dos Adolescentes foi muito interessante não só pra mim, como acredito que para todos, pois abriu novas possibilidades de trabalhar com as diversas mídias. Adorei participar e não vejo a hora de estar na próxima cúpula”

SABRINA BOREA (Argentina)

“Foi de extrema importância pra mim saber que os problemas dos jovens e das crianças tanzanianas são iguais aos problemas dos jovens e das crianças de outros países do mundo, como o Brasil e a Austrália. O evento foi sensacional nesse sentido”

HUSNA ABDUL (Tanzânia)





Programa legal

Projeto “Rio Ônibus Criança” leva, **gratuitamente**, alunos do Ensino Fundamental a passeios educativos pela cidade

Com o objetivo de diminuir as distâncias da cidade e favorecer o trabalho das escolas, o Rio Ônibus - Empresas de Ônibus da Cidade do Rio de Janeiro - vem apostando no Projeto “Rio Ônibus Criança”. Há cinco anos, o programa leva alunos do Ensino Fundamental público para fazer passeios educativos planejados pelas próprias escolas. O serviço, gratuito, só no ano passado atendeu mais de 14 mil crianças da Rede Municipal de Ensino do Rio.

Sucesso de público e crítica. Desde 2003 os alunos do Ensino Fundamental e das turmas de progressão da Escola Municipal Professora Dyla Sylvia de Sá (7ª CRE), na Taquara, Zona Oeste da cidade, vêm utilizando o serviço do Rio Ônibus. A escola foi cadastrada no projeto no ano passado e a partir de então solicita o apoio do programa para desenvolver suas atividades fora dos muros da escola.

“Sempre fomos atendidos e tudo transcorre de maneira perfeita. Já realizamos diversas aulas-passeios que enriqueceram o dia-a-dia de nossos alunos. Na verdade, muitas vezes deixamos de realizar atividades como essa pela simples falta de transporte. Mas temos conseguido dar a volta por cima”, comemora a coordenadora pedagógica da escola, Joci Parada Santos.

Atendimento - Vicente Ferreira, assessor de recursos humanos do Rio Ônibus, conta que por mês são realizados, em média, de 30 a 40 atendimentos. “O projeto é um dos pontos altos do Programa de Responsabilidade Social do Rio Ônibus”. Dentro desse programa, Ferreira destaca também o oferecimento de cursos de capacitação e de instrução para colaboradores das empresas associadas, transporte gratuito às escolas e até campanhas voltadas para a melhoria do atendimento aos clientes. “Recentemente, publicamos uma cartilha, voltada para os motoristas, abordando a importância do bom atendimento às pessoas portadoras de deficiência”, conta.



Para fazer parte do projeto “Rio Ônibus Criança” a escola interessada deve entrar em contato com a Assessoria de Recursos Humanos do Rio Ônibus. A unidade escolar deverá fazer um cadastramento, fornecendo algumas informações básicas. Vicente Ferreira informa que também será necessário apresentar o Projeto Político-Pedagógico da escola.

“A demanda de pedidos das escolas é maior do que a frota de ônibus disponível. Portanto, priorizamos os eventos que estão de fato relacionados ao PPP da unidade. Passeios que não sejam ‘apenas’ passeios, mas que tenham por trás um objetivo pedagógico. Queremos contribuir para uma educação de qualidade. E vamos atender as escolas que trabalham nesta direção”, afirma Ferreira. No momento o projeto conta com 70 escolas cadastradas e somente em agosto serão analisados novos pedidos de cadastramento. □



Serviço

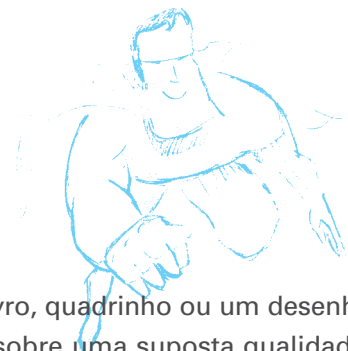
Rio Ônibus

Avenida Marechal Câmara, 271,
7º andar – Centro
tel: 2532-2144, ramal 40 –
Assessoria de Recursos Humanos

Outros objetivos do projeto Rio Ônibus Criança

- Facilitar o acesso de crianças e adolescentes carentes a espaços culturais e esportivos da nossa cidade.
- Contribuir efetivamente para que crianças e adolescentes carentes tenham a oportunidade de participar de experiências prazerosamente educativas.
- Contribuir para que as crianças amem e tenham uma imagem positiva da cidade.
- Enfatizar o valor do ônibus como elemento de ligação do cidadão com os espaços culturais e esportivos da cidade.
- Desenvolver um trabalho educativo com crianças e adolescentes usuários de ônibus sobre a importância da utilização correta dos veículos que servem a toda a população, para que eles, assim, tenham um bom relacionamento com os trabalhadores das empresas.

A linha é o contexto



Da próxima vez que olhar um desenho da mídia, seja ele em livro, quadrinho ou um desenho animado, **abstraia qualquer julgamento** preestabelecido sobre uma suposta qualidade da história e reflita: será que estes personagens, por si só, contam alguma coisa? Será que eles isolados de seu contexto podem oferecer algum subsídio para o estudo da estética?



O ratinho Mickey, personagem da Disney, é um exemplo onde a estética sofre influências tanto da técnica como dos valores. Seu traço inicialmente simples foi uma exigência da produção, que tinha como meta 200 metros de filme a cada 15 dias! É um dado da modernidade, onde o tempo passou a significar dinheiro e os traços simples atendem a essa necessidade.

Nesse sentido, a Disney acabou por fundar o estilo em "O". O formato circular dos primeiros desenhos, feito por necessidades de produção, está associado mais à comédia do que ao drama, definindo para sempre esse gênero. Graças a esses artifícios, concretos e reais, gerações inteiras dormiram abraçadas a um ratinho de pelúcia, sem nenhum constrangimento. Por meio de traços, a Disney transformou um rato em uma figura popular. Outro desenho feito no estilo circular criado pela Disney é Branca de Neve e os Sete Anões. Imaginem aquelas figuras graciosas sendo desenhadas com linhas retas. Teriam a mesma graciosidade?

É sobre este trabalho plástico que quero chamar a atenção. Há todo um cuidado na elaboração de um personagem. Um bom personagem de quadrinho ou de desenho animado (e são poucas as diferenças entre os dois meios) está praticamente definido antes mesmo da história começar, somente pelos traços que o constroem. O desenhista começa a compor seu personagem pelo que ele comunica de mais imediato, que são os cabelos, as roupas, as características físicas e a postura. Assim como os

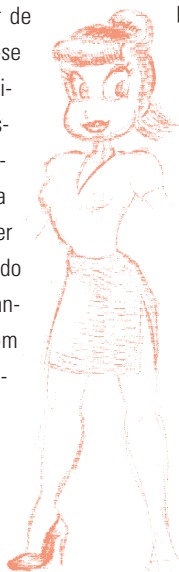
atores, os desenhistas salvam muitos personagens com esse trabalho e provam que a aparência não é tão superficial quanto se pode achar. No mundo da arte os aspectos plásticos carregam valores. Os traços, o tamanho e a cor de um personagem determinam se ele será herói ou vilão.

É preciso adequar um personagem ao seu desenho correspondente, e isso é feito pelo caráter dele, pelo tipo de aventuras que ele vive e, principalmente, pelo valor que ele quer expressar ou comunicar. Os desenhos dos grandes gênios do Renascimento, como Leonardo Da Vinci, deveriam ser rigorosamente proporcionais e equilibrados, pois era assim que o mundo deveria ser. Claro, não são regras rígidas e o desenhista pode brincar com esse conhecimento da maneira que quiser.

As formas mais proporcionais e equilibradas estão associadas às artes ditas clássicas, como o exemplo já citado das obras de Da Vinci. As formas sinuosas ou irregulares estiveram mais próximas de artes "deformadoras" da natureza como as de Pablo Picasso. Então, podemos dizer que a libertação da linha e de seu valor expressivo se deu com o modernismo. Com uma análise da história da ciência podemos entender melhor: a ciência na era de Da Vinci era tão dogmática quanto a religião, de modo que nela também haviam certezas irrevogáveis. Isso se transmitiu para a arte como uma exigência de verossimilhança dos desenhos de uma obra, ou de como deveria ser a mais bela forma humana.



Mas, com o passar dos séculos, a ciência descobriu que seu olhar não é tão neutro e absoluto assim. Tudo é relativista, inclusive o tempo com Einstein. Assim, as linhas não precisam mais estar de acordo com este ou aquele conceito. Pode-se criar. A linha, inclusive, pode ser apenas a 'linha' mesmo nas obras abstratas. Qualquer aspecto da vida pode ter diversos pontos de vista e é nisso que se fundamenta a obra cubista de Picasso: objetos e pessoas que podem ser percebidos em diversos ângulos de visão. Tudo é relativo na modernidade, a época das grandes certezas acabou, inclusive a cor. Com Matisse, pintor francês, uma mesma cor ganha em possibilidades. De acordo com seu uso, pela maneira como é trabalhada, pelo seu tamanho, pela sua relação com outras cores, pode ser alegre ou triste, sufocante ou arejada.



Depois dessa leitura superficial da história, analisemos outro famoso desenho, o Scooby-Doo. Atente às duas mulheres: Velma e Daphne. Seguindo essa breve análise do que seria a linha clássica e a linha moderna, podemos fazer o tipo de análise que proponho. Entre as duas personagens reconhecemos uma diferença bem clara de personalidade induzida pela leitura estética das mesmas. Sabemos que Velma é a inteligente e que Daphne é a elegante e bonita. Mas se eu perguntar como sabemos disso sem ter visto o desenho, alguns poderão dizer que é pela roupa que usam. Porém, embora os modelos sejam adequados para as personagens, o segredo está na linha como são desenhados.

Quanto mais reta uma linha for mais podemos dizer que ela é "séria", ao passo que se uma linha for sinuosa podemos dizer que ela é "elegante", por seu design mais arejado. Repare no desenho de Velma:

suas linhas são muito mais retas que as linhas de Daphne, que, ao contrário, é acentuada por linhas curvas. E isso não é uma questão de formas do corpo, pois Velma pode muito bem ter o mesmo corpo que Daphne, embora coberto pela roupa, que impede que a sua sensualidade apareça, questão bastante explorada nos filmes. Já a roupa de Daphne valoriza mais seu corpo, embora não haja nenhuma roupa e sim uma linha mais longa, que reafirma sua elegância, e uma linha curta para Velma, que a deixa baixa, atarracada, logo, mais pesada. Outros pontos também podem ser analisados dessa maneira, como os cabelos. As linhas emitem sensações que nos influenciam.

Fica mais uma vez comprovada a importância de uma educação estética na escola, ou seja, aulas de arte nas escolas. Pois se tratam de questões pertinentes ao campo da arte mas que atingem a todos os seres humanos seja em que canto do mundo ele estiver. A linha mexe conosco todo santo dia. □

André Luís Alves Feliciano, professor do Ciep Dr. Nelson Hungria (10ª CRE)



Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres.

Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Softwares educacionais

Escolher os melhores meios para aumentar a participação dos alunos no ambiente educacional não é uma tarefa fácil. O aumento da participação pressupõe, frente às diversidades e as dificuldades da sala de aula, a existência de ambientes educacionais enriquecidos que visem o desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas, criativas e sociais do nosso alunado. Neste sentido é que o conceito de inclusão nos interessa, pois engloba todas as pessoas que experimentam barreiras à aprendizagem e à participação social. Em *“O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva”* (Revista da Faculdade de Educação da UFF n° 7), Mônica Pereira dos Santos, destaca que “inclusão não é a proposta de um estado ao qual se quer chegar. Também não se resume na simples inserção de pessoas deficientes no mundo do qual têm sido geralmente privados. Inclusão é um processo que reitera princípios democráticos de participação social plena”.

A partir deste conceito e levando em conta os diferentes tipos de recursos que podem favorecer o aumento da participação dos alunos no espaço escolar é que optamos por discutir a importância do uso de softwares educacionais no contexto de uma educação orientada para a inclusão. Esses softwares são aqui definidos como sistemas que combinam textos, gráficos, imagens e cores em um computador e que servem como uma interface simples, agradável e estimulante aos estudantes, permitindo o contato com as diversas disciplinas de forma interativa e

envolvente, além de propiciar o desenvolvimento de habilidades intelectuais e técnicas dos alunos e, sobretudo, a emoção.

Entendemos que qualquer atividade direcionada e objetivada aos alunos, além de aumentar a participação, desenvolverá diferentes tipos de habilidades e potencialidades. Apresentamos, então, algumas características e habilidades que podem ser desenvolvidas com a utilização de softwares educacionais: a curiosidade, a fantasia, a imaginação, o desafio e a resolução de problemas. Os softwares, por si só, promovem plenas condições para evocação da curiosidade. Tudo é novo, cada passo é uma surpresa que traz, como consequência, a expressão de diversas emoções. Segundo V. K. Hernandez, em *“A academia vai à escola”* (Papyrus, 1995), “há uma grande necessidade de dividir as descobertas e os sucessos com os outros”. Este clima de descontração favorece uma maior interação entre o sujeito e a máquina, ao mesmo tempo em que estimula a manifestação de sentimentos que, inevitavelmente, serão divididos com os demais colegas de turma. Cada nova imagem, cada novo som, cada nova descoberta gera novas alegrias, suspense e motivação para dividir e ir adiante.

Ao navegar pelos softwares os alunos são levados a desenvolver sua fantasia, pois vivenciam situações contextualizadas, isto é, que fazem sentido à sua vida, interagindo entre o mundo imaginário e o real. É como se as disciplinas escolares estivessem interligadas entre si, diferente do que geralmente acontece dentro de uma sala de aula. O aluno frente a esta situação experimenta situações que possuem um “... contexto que faz sentido e que é semelhante ao real... Isso leva a disciplina a se tornar uma abstração” (Hernandes). O conhecimento se torna global, já que neste momento não temos um currículo fragmentado. Os softwares que favorecem estes aspectos são os simuladores, onde o aluno vive o real por meio da fantasia. A matemática, a língua portuguesa, a edu-



cação artística, entre outras, estão ligadas ao contexto da vida e o conhecimento aplicado ao tempo todo. “O processo de aprendizagem ocorre com a testagem de hipóteses que são levantadas durante a interação com o computador” (Hernandes).

Outro aspecto interessante é a possibilidade de utilização da imaginação. Durante a manipulação dos softwares os alunos podem criar analogias e metáforas que os auxiliarão a aplicar os conhecimentos anteriormente adquiridos para chegar a compreensão de novas situações. Lembramos que é por meio do processo criativo que os alunos buscam um outro entendimento sobre a vida. Outro aspecto a ser desenvolvido com o uso dos softwares seria a motivação para enfrentar os desafios que, por sua vez, leva a uma quinta característica: a habilidade para resolver problemas. É por meio da motivação que o aluno busca uma meta a ser alcançada, “... sua desenvoltura é importante para si e valorizada pelos outros” (Hernandes).

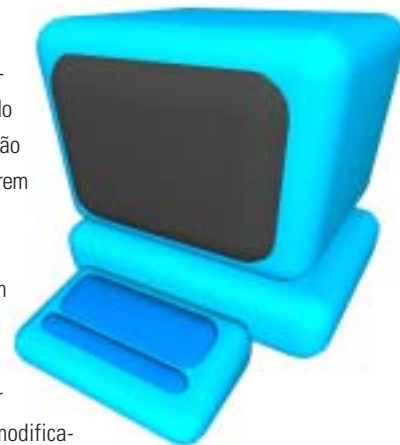
Ao escolhermos um software devemos lembrar que este tem que ir ao encontro das necessidades e capacidades dos alunos. No caso de uma classe bastante heterogênea em termos de habilidades computacionais, podemos utilizar softwares diferenciados, de forma que o trabalho escolar não desestime os alunos e, sim, os mantenham em constante interação com os colegas e com a atividade de ensino. O valor dos softwares está exatamente na sua metodologia de aplicação e nos objetivos do educador. Lembramos que a simples presença dos computadores na escola não vai levar a uma revolução do ensino. Segundo N. J. Castro, em “*Jornadas pedagógicas*” (ISEG-UTL, 1999), “... os professores não foram criados sob o domínio da revolução da microeletrônica. Foram espectadores diretos de muitas e radicais inovações tecnológicas, mas sempre conviveram com níveis tecnológicos diferenciados”.

A formação dos professores e a maneira pela qual o computador será utilizado na realização dos trabalhos escolares são alguns dos aspectos importantes a serem considerados.

Neste sentido, ao pensarmos num ambiente educacional enriquecido com softwares temos que considerar que este ambiente não poderá ser inerte; deverá estar em constante modificação; deverá propor situações inovadoras, que despertem o interesse do aluno e amplie seus conhecimentos e descobertas. Dentro de uma educação orientada para inclusão, um ambiente educacional enriquecido é interessante na medida em que permite um aumento da participação dos alunos, além do desenvolvimento de características e habilidades já citadas neste artigo, bem como aspectos cognitivos, afetivos, criativos e sociais. O aluno, nesta perspectiva, é visto como um ser ativo, centro do processo educativo, sendo estimulado a aprender. O professor é visto como orientador e quem “articula os diferentes processos de elaboração e construção, dando sugestões, resolvendo dúvidas, propondo novos problemas” (PCN’s, 1998).

Desta forma, a eficiência das práticas educativas influencia o desenvolvimento do aluno, sendo o ambiente educacional estimulante um forte contributo à aquisição de conhecimentos ainda não elaborados; e o computador, juntamente com seus recursos, quando utilizado pelos professores como ferramenta para uma educação orientada para inclusão, pode auxiliar os alunos na efetiva construção do conhecimento. □

Simone da Silva Salgado, professora da Escola Municipal Alagoas (3ª CRE)



Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres.

Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

ILUSTRAÇÃO: MARCUS MARTINS

De onde vem suas imagens?

A leitura da imagem, quer seja nos livros só de imagens, quer seja nos livros de texto ou ainda naqueles que trazem **múltiplas linguagens**, vem se consolidando ao longo do tempo, da mesma forma como sempre se deu a leitura da palavra. Palavra e imagem percorrem um trajeto diferenciado na história, mas travam um diálogo constante e estão absolutamente integrados. Por conta disso, um olhar amplo que possibilita **o encontro do leitor** com as entrelinhas, como o não dito, é imprescindível para estabelecer e compreender esta necessária relação entre a “palavra verbal” e a “palavra imagem”.

Desde a pré-história o homem imprimia marcas do que via e sentia. Com sensibilidade para perceber e compreender o que acontecia a sua volta, ele foi adquirindo habilidade para esculpir, gravar, desenhar e, por meio dessas marcas, se comunicar. “Sua escrita nasceu esculpida; foi antes desenho, imagem, depois escritura” (Lúcia Pimentel Góes). Nesse percurso, o homem foi identificando os espaços de escrita mais adequados para cada caso e, também, os tipos de textos desejados, se ilustrados ou não. Assim, a escrita e a **imagem**¹ se transformaram ao longo do tempo, dando novos sentidos e significados à leitura daquilo que está impresso.

Ao se pesquisar sobre a relação entre imagem impressa e texto, vê-se que ela antecede ao livro tal como conhecemos. Emanuel Araújo, em sua obra *A construção do livro*, escreve: “Na tradição manuscritora, em que se fixaram alguns padrões específicos quanto à disposição das imagens na página, foram marcantes os papiros do Egito faraônico e os códices medievais”. No chamado *Livro dos mortos*, coleção de textos litúrgicos do Egito antigo para guiar e proteger os mortos no ‘outro mundo’, as ilustrações vinculavam-se estreitamente ao texto e tinham uma real importância, já que presumia-se que os tais mortos fossem ágrafos ou analfabetos. Nos papiros gregos, o autor aponta que predominava uma idéia de imagem simbólica. Não havia uma riqueza iconográfica e as poucas ilustrações que chegaram aos dias de hoje referem-se a obras científicas. Quanto aos romanos, os exemplos de obras ilustradas ocorrem com maior frequência, porém na feitura de novos livros os artistas da época apenas reproduziam imagens já existentes, sem nenhuma preocupação com a originalidade.

Somente a partir do século VI, como observa Araújo, é que foi retomada em grande escala a interação imagem-texto. Novamente, sob estímulo religioso, em pergaminhos, dentro dos conventos, os então “iluminadores

1. “**Imagem** é um tipo especial de representação (quase pictórica) que descreve a informação e ocorre num meio espacial. Até as imagens mentais e mesmo as verbais, que são talvez as formas de imagens mais plásticas e multissensórias também se enquadram nessa definição.”

(Lúcia Pimentel Góes - *Retrospectiva sobre a importância da imagem na história da humanidade*)



(do latim *illuminato*: o que esclarece)” – como eram chamados os artistas, quase sempre um religioso – já faziam nesta época todo um trabalho de seleção e construção de imagens, as iluminuras, convenientes para um determinado texto. As iluminuras foram produzidas durante séculos, com uma certa liberdade em relação às cores (em fins do século XIII eram verdadeiras pinturas) e sempre inspiradas em símbolos religiosos. “...o iluminador sempre reproduzirá tipos convencionais, emblemas seculares... em uma palavra, seguirá a tradição e não a natureza...”.

Tais representações já eram evidentes nos **códices**² bizantinos desde o século VI e no ocidente mantiveram-se inalterados certos princípios de ilustração de texto durante pelo menos sete séculos.

Do século XIII em diante consolidou-se a tendência da laicização dos temas nos textos e na respectiva iconografia. A partir daí também, um novo público leitor se constitui nas universidades e o livro se populariza ao diminuir de formato e passando a ser produzido fora dos conventos, por profissionais leigos. Quando o livro impresso ganhou força, a arte da ilustração teve que acompanhar a grande transformação suscitada por este novo suporte da escrita. Agora, a iconografia passa a seguir padrões de diagramação da página, “invertendo o pressuposto de que o leitor se interessava mais pela imagem que pelo texto” (Emanuel Araújo).

Inspiração - O rico trabalho dos antigos iluministas sempre inspirou profissionais ligados às artes plásticas. A mineira Angela Lago há 25 anos trabalha com literatura infanto-juvenil e faz pesquisa iconográfica. Com mais de 30 livros publicados, ela vai buscar na arte medieval das iluminuras referências para as belas publicações que cria. As iluminuras eram feitas, segundo ela, para o entendimento de um público iletrado. As soluções criadas pelos artistas para que suas obras fossem entendidas passavam por idéias, como, por exemplo, criar figuras ligadas com balões, semelhantes às das nossas histórias em quadrinhos. Nesse aspecto, ela acredita que muitas das idéias contidas em desenhos de crianças, que aliás coleciona, se aproximam de alguns estratagemas que esses artistas usavam na Idade Média. “As crianças são mui-

2. **Códices** – Pequena placa, de madeira ou marfim, utilizada pelos antigos romanos para escrever.

O conjunto dessas placas, articulado por dobradiças, constituíam uma espécie de livro.

to narrativas, muito livres, quando ainda não sabem ler. Para falar de um barco que vai navegar em volta de uma ilha, por exemplo, eles desenham o barco em três pontos. Há desenhos que contam a história de uma mina e a criança fez um corte na montanha para vermos o que há dentro. Muitos autores estudam desenhos infantis para fazer trabalhos que prescindem da palavra”.

Em seus livros, voltados para crianças que ainda não dominam a leitura, Angela Lago lança mão de estratégias inspiradas em iluminuras e em desenhos infantis. “Nos 25 anos que tenho de trabalho venho descobrindo coisas interessantes relativas à conjugação de texto e imagem no livro, como escrever cartas enigmáticas, por exemplo, para um público que ainda não sabe ler. A leitura aí é transformada em jogo. A criança pára em determinado ponto para adivinhar o que querem dizer os desenhos. No final do livro há uma espécie de mapa, em desenho, do que já foi lido para que de forma instigante ela possa guardar o sentido do que acabou de ler”.

Há outras publicações em que a artista trabalha aspectos relacionados às artes gráficas. Como ocupar o meio da página, geralmente um problema para os diagramadores. Prevendo a virada de página, ela desenha uma imagem de criança, por exemplo, de modo que na hora que vira a folha a ilustração faça um movimento, tal qual uma animação. “Se, em outro exemplo, estou falando na história de uma criança reprimida, faço o desenho dela exatamente neste local para quando mexer a folha a imagem ficar mais reprimida. É a animação dando um sentido a uma composição maior”, explica.

Angela acredita que o livro de imagem (predominantemente de imagem, ela ressalta) oferece uma série de possibilidades para experimentar a junção entre texto e ilustração. “O mais importante é casar as duas linguagens enquanto diferentes. É a idéia da contradição, o texto narrando uma coisa e a imagem outra, de uma forma interessante”.

Desse casamento entre as linguagens verbal e visual no livro, especialmente na literatura dirigida ao público infanto-juvenil, o escritor e ilustrador Luis Camargo trata no artigo

A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil. Ele diz: “A ilustração estabelece uma relação semântica com o texto. Nos casos ideais, uma relação de coerência, aqui denominada coerência intersemiótica pelo fato de articular dois sistemas semióticos: as linguagens verbal e visual. Entre a contradição e o desvio (tipos de relação entre texto e imagem) não há diferença e natureza, mas variação de intensidade. A convergência nunca é uma equivalência absoluta, em razão das diferenças entre linguagens verbal e visual. Por isso, não se pedirá que a ilustração represente tudo o que é denotado no texto, pois ela pode estabelecer uma relação metonímica com o texto que pode, inclusive, ser mais instigante que a minúcia referencial. Nem se pedirá que a ilustração traduza todas as conotações do texto, já que isso é inviável, devido às diferenças entre as duas linguagens. Se entendermos que ilustração é uma imagem que acompanha um texto e não seu substituto; e se entendermos que a relação entre ilustração e texto não é de paráfrase ou tradução, mas de coerência (ainda que contraditória), então, abre-se para o ilustrador um amplo leque de possibilidades de convergência com o texto, convergência essa que não limita a exploração da linguagem visual, mas, ao contrário, pode incentivá-la”.

Em seu artigo, Camargo dá um recado direto para os artistas que trabalham com ilustração. Mas fala também aos leitores, que devem ter em mente que não é possível ler a palavra verbal sem conjugá-la à palavra imagem, mesmo que ela não esteja evidente na obra. Leitores atentos, interessados, desenvolvem um tipo de olhar. Olhar de descoberta, segundo a professora da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, Lúcia Pimentel Góes. Olhar que educadores em geral devem ter: “olhar tátil, multissensível, capaz de ver, aprender e apreender e devolver”, observa. “A educação da sensibilidade é tão vital quanto o ar que respiramos”, completa.

Num mundo impregnado por imagens, imagens rápidas, fragmentadas, faz todo o sentido falar desse olhar de descoberta, que vai além do simples enxergar. As crianças, acostumadas a conviver com muitas imagens simultaneamente, têm, na opinião de Angela Lago, mais condições de



compreender as seqüências visuais. “A televisão a torna excelente leitor dessas seqüências, na medida em que treina visualmente a criança. Ela é capaz de seguir sem problemas uma animação e entender o que está sendo narrado, da mesma forma que se torna apta a olhar com mais domínio um livro de imagens”. Mesmo assim, é fundamental, como diz a arte-educadora Ana Mae Barbosa, fazer as crianças refletirem de onde vem suas imagens.

Para a professora Maria Antonieta de Oliveira Borba, do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é importante que os professores provoquem a criatividade dos alunos de modo que se promovam articulações imagéticas, de significados, com diferentes textos, cartazes, obras de arte etc. “Imagino que dessa forma, com a arte, se poderia dar uma pausa. Se a questão é a velocidade de informação no mundo pragmático, a arte seria o oposto disso. Ela propiciaria a desautomatização da percepção porque chama a atenção para si. O professor, portanto, deve incentivar o aluno a construir e pensar sobre suas imagens e não ter uma atitude passiva em relação a elas”, observa. □



Especialistas no assunto afirmam: a leitura de uma página impressa se faz em três diferentes níveis. Em um primeiro são lidas as imagens. Em seguida, os títulos. E, por último, os textos. O que é perfeitamente comprovado. Ao folhear as próximas páginas da Revista **Nós da Escola**, preste atenção. Com certeza, o seu olhar seguirá exatamente este processo.

Processo que é influenciado também pela utilização das cores. Isso mesmo. As cores têm a capacidade de informar e de comunicar. Pode-se utilizar a cor tanto para aumentar a credibilidade de determinada informação quanto para diminuí-la. É o que vem estudando Luciano Guimarães, doutor em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Jornalista, designer e professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Luciano explica que a cor deve ser considerada como informação todas as vezes que sua aplicação desempenhar função de organização e hierarquização de informações ou de atribuição de significados.

Autor do livro *As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo* (Editora AnnaBlume), Luciano analisou o uso da cor nos meios de comunicação de massa de duas culturas distintas: a brasileira e a alemã. Foram analisadas 10 horas de gravação de noticiários da TV, 150 revistas, 750 páginas de jornais e outras 100 *home pages* da internet.

O levantamento mostra as ações positivas e negativas do uso das cores. Cores que – na avaliação do autor – são reduzidas diariamente pela repetição, padronização e simplificação. O uso contínuo, por exemplo, da cor vermelha associada à violência, conflito, rebeliões em presídios e à AIDS aprisiona e estereotipa a cor a um conteúdo único. O que causa estranhamento quando a mesma cor é utilizada para ilustrar uma notícia sobre a valorização do café no mercado mundial, mesmo que se saiba que a fruta do café é vermelha.

“A cultura reducente e globalizada da cor impede o conhecimento do outro. O nivelamento a um repertório mínimo de cores leva a interpretações imediatas e impede que o receptor procure compreender o universo cromático de outras culturas, de outras sociedades, de outras camadas sociais, de outros receptores diferentes de si. Nivelada, reduzida e globalizada, a cor deixa de comunicar além da paleta reduzida de significantes e significados” – destaca o livro.

Artigo / Paulo Bernardo Vaz*

Narrativas multicoloridas: o fascínio pela palavra escrita

Grandes ilustrações multicoloridas seriam apelos imprescindíveis para atrair a atenção das crianças e convidá-las ao embarque na viagem propiciada pelos textos? De tanto ouvir e reafirmar isso – sem questionar – passou-se a admitir que crianças só se deixam atrair por textos que venham embalados por imagens visuais atraentes. Coloque-se isso em questão: as ilustrações seriam mesmo imprescindíveis para o convite à leitura?

Certamente vivemos em um mundo rodeado de abundantes imagens visuais, impressas ou projetadas em telas de TV e de computador, em um período histórico comumente chamado de “era da imagem”. Certamente ilustrações em destaque atraem nosso olhar. Mas isso não significa que o texto se atrela definitivamente à imagem. É também inegável que esta relação entre texto e imagem é de grande serventia para a mídia impressa – jornais, revistas, livros, especialmente os didáticos – e para uso na publicidade e propaganda. Mas na literatura infantil essas duas linguagens estariam atreladas, formando o composto “texto-imagem” que colocaria o primeiro a reboque da segunda? Seriam os textos, vistos isoladamente – em especial na literatura infantil e juvenil –, de difícil acesso para crianças da atualidade?

Aqui serão lembrados alguns fatores que devem ser levados em conta na prática da leitura. Em primeiro lugar o fator de materialidade da escrita: livros são feitos de cadernos que são páginas seqüenciadas; páginas compostas de linhas sobrepostas devidamente separadas por entrelinhas; linhas que são formadas por uma seqüência de palavras; palavras que são letras que se aglutinam e se separam por espaços predeterminados na composição tipográfica. Tais elementos tipográficos deveriam receber um tratamento adequado em livros de literatura infantil e juvenil, merecedores de cuidados especiais.

Em segundo lugar deve ser lembrado que na fase de aprendizagem da leitura, crianças conseguem entender isso: textos podem ser importantes e repletos de significados. Até as crianças menores – ainda sem ter apreendido o código alfabético – identificam nomes de produtos em rótulos de produtos que as interessam, experimentando a leitura de alguma coisa escrita, ao seu modo. Uma seqüência de letras e palavras não é um bicho-de-sete-cabeças que as faz chorar de pavor. Ler textos não dói. Muito pelo contrário: pode dar prazer. Os textos, em si, são sondáveis e penetráveis pelos olhos e pela mente do leitor.

Em terceiro lugar, livros de literatura infantil e juvenil apresentam narrativas passíveis de interesse, que pode ser despertado por suas próprias palavras: título, subtítulos, texto corrido. Talvez falte esclarecer às crianças que seqüências de letras, palavras e páginas narram histórias. As mais belas histórias. Histórias com as quais essas mesmas crianças estão habituadas a ouvir e ver na comunicação oral e audiovisual que elas conhecem e reconhecem devido à sua maxiexposição à mídia televisiva. De uma para

outra narrativa, por meio da escrita, há um passo a ser dado. Este passo pode ser dado com um exercício bastante simples, a prática da audição de *textos escritos* e de *casos contados*. Certamente isso dá um pouco de trabalho aos adultos que cercam essas crianças — pais e mestres, em primeiro lugar; tomadores de conta dos meninos, em segundo lugar. Contudo, essas narrativas são transmitidas e retransmitidas há séculos, como uma fascinante maneira de aprender e apreender a boa e velha literatura mundial.

Para comentar sobre a importância dessa prática, citam-se aqui apenas dois grandes nomes da literatura ocidental, situados entre os maiores da literatura francesa e da brasileira do século XX. O que eles falam está em sintonia com a experiência de cada um de nós, leitores experimentados que temos histórias para contar. Bastaria perguntar, com jeito, a qualquer pessoa flagrada com um livro na mão, absorto em sua leitura, em qualquer tempo e em qualquer lugar: “Como tomou gosto pela leitura?” Obter-se-iam surpreendentes revelações. Proust e Guimarães Rosa de certa forma responderam. E suas respostas dão muito o que pensar.

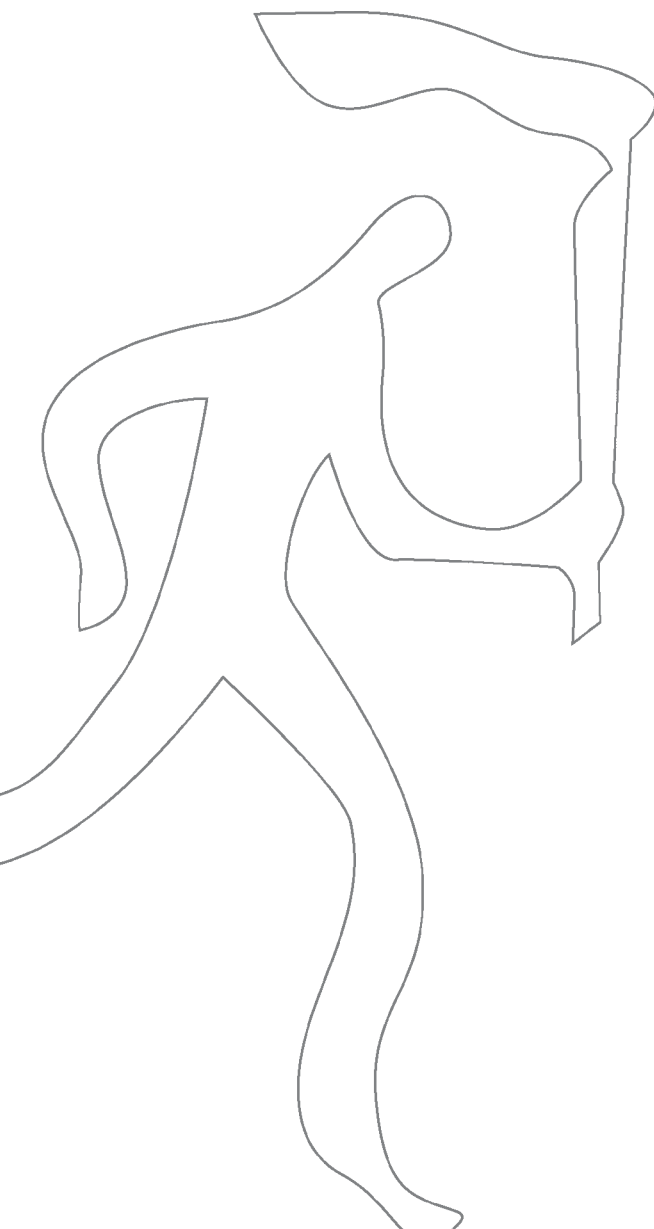
Ao falar de algumas experiências de leitura do narrador-menino de “Em busca do tempo perdido” (“No caminho de Swann”, Globo, 2003), Marcel Proust antes destaca aspectos materiais do livro: tamanho do volume, cor e desenho da capa, que traz ali uma única vinheta, sem nenhuma ilustração no miolo. Fala da fascinante leitura em voz alta com que sua mãe o brindou numa noite de insônia. Conta de seus esconderijos onde pudesse se colocar à sombra iluminando-se com as ricas e fantasiosas narrativas dos livros com os quais fora presenteado. Fala daquilo que bem experimentamos e que talvez não saibamos transmitir às crianças de hoje: do maravilhoso universo da prosa literária com um infinito mundo de imagens que construímos, nós mesmos, a partir do silêncio das palavras, linhas, páginas e volumes dos livros literários. Todas as imagens se formando na mente do leitor. Narrativas de escritores lidas e apropriadas pelo menino que se desdobram em narrativas dos próprios leitores. Palavras geram palavras. A obra de Proust é prova disso. Prova maior.

Leitura de textos, audições de histórias: são formas de aprendizagem e de formação tão simples que parecem não merecer a atenção de educadores, pais e acompanhantes na formação das crianças. Note-se que não custa nada, senão o esforço de ler. Ou de narrar. De contar. Casos. Histórias acontecidas, inventadas. Assim João Guimarães Rosa descreve – em entrevista a Günter Lorenz (na introdução geral de “Ficção Completa”, Aguilar, 1994) –aquele que poderia ser identificado como momento fundador de sua obra literária: “Nós, homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar histórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas. (...) Deste modo a gente se habitua, e narra histórias que correm por nossas veias e penetram em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma dos homens”. Ao leitor atento não escapa o tamanho do grande sertão a que se refere. Extrapola, e muito, os limites dos “gerais”. Fala de todos os lugares e de todos os tempos. Com sua experiência exemplifica aquela experiência que pode ser sua, minha e de todas as crianças que gostaríamos que se tornassem leitores de textos, apaixonados por narrativas multicoloridas, fascinados pela palavra escrita.

Paulo Bernardo Vaz é ilustrador de livros infantis
e Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG

O Rio

na rota da Tocha



Fato inédito na história das Olimpíadas, o **Revezamento da Tocha** passa por nossa cidade, representante da América do Sul

Pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o Revezamento da Tocha, um dos grandes símbolos da maior festa esportiva do planeta, teve vez numa cidade sul-americana. E a escolhida foi o Rio de Janeiro, numa grande festa que envolveu toda a cidade. No total, a Tocha vai percorrer 33 cidades (*veja o mapa*), dos cinco continentes, numa rota de aproximadamente 78 mil quilômetros. Ao final, terá sido carregada por cerca de 3.600 pessoas, num evento que vai durar 78 dias.

O caminho da Tocha começou dia 4 de junho, em Sydney, na Austrália, e termina em 13 de agosto, em Atenas, na Grécia, sede dos Jogos Olímpicos e da Paraolimpíada de 2004. Esse revezamento representa uma das mais importantes expressões do caráter de fraternidade global do movimento Olímpico. As primeiras aparições da Tocha nos Jogos da Era Moderna – realizados de quatro em quatro anos, a partir de 1896, por iniciativa do francês Pierre de Fredy, o Barão de Coubertin – foram nas edições de Amsterdã (Holanda), em 1928, e em Los Angeles (EUA), em 1932. Nessas duas ocasiões as chamas foram acesas nos estádios, mas não houve o revezamento.

Curiosidades

DIVULGAÇÃO - COB

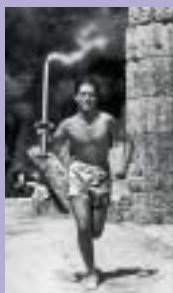


- A Tocha Olímpica de Atenas 2004 foi desenhada pelo grego Andreas Varatsos inspirada nas linhas de uma folha de oliveira. Feita de metal e madeira, pesa 700 gramas e mede 68 centímetros de comprimento.

- Estudante de educação física, a carioca Lara Leite de Castro foi a primeira brasileira a participar do Revezamento da Tocha Olímpica, em 1992, quando os Jogos foram realizados em Barcelona (Espanha). A estudante tinha apenas 19 anos.

- Tradicionalmente, o nome do último atleta ou cidadão a carregar a Tocha e, posteriormente, acender a Pira Olímpica, é mantido em segredo. Só é anunciado no placar eletrônico segundos antes de ele entrar no estádio.

- O primeiro condutor da Tocha Olímpica nos Jogos da Era Moderna – a partir de 1896 –, foi o atleta grego Konstandinos Kondylis. Em 1936, ele iniciou a jornada em Olímpia (Grécia) com a chama que chegaria mais tarde a Berlim, na Alemanha, sede dos Jogos.



DIVULGAÇÃO - COB

DIVULGAÇÃO - COB



- Na mitologia grega, Hera era uma das doze divindades olímpicas. Casada com Zeus, ficou conhecida também como rainha do céu e protetora da vida e da mulher. Seu templo, em Olímpia (Grécia), é utilizado agora como palco do acendimento da Tocha.

- A bandeira olímpica – cinco argolas entrelaçadas, nas cores verde, amarela, azul, preta e vermelha – representam os cinco continentes. O círculo amarelo simboliza a Ásia, o preto a África, o azul a Europa, o vermelho a América e o verde a Oceania.

A tradição do Revezamento da Tocha foi criada de fato nos Jogos de Berlim (Alemanha), em 1936. Os alemães se esforçaram ao máximo para estabelecer uma relação entre as antigas raízes gregas e a expressão moderna do olimpismo, de união entre os povos. Com o intuito de aproveitar o revezamento para propagar esse ideal olímpico, a tocha seguiu da pequena cidade de Olímpia, na Grécia, até a cidade sede dos Jogos, Berlim. Assim, foi criada uma tradição que dura até hoje. Atualmente, técnicas modernas fazem com que uma lente reflita os raios solares, acendendo o combustível interno da Tocha, numa cerimônia realizada no templo de Hera, nos arredores de Olímpia. Em seguida, a Chama é passada de tocha em tocha, em uma incrível jornada até a cidade sede dos Jogos, onde é levada ao Estádio Olímpico, durante a cerimônia de abertura. O final de toda a jornada é a Pira Olímpica da cidade sede, que permanece acesa até o encerramento dos Jogos.

Estrelas – O percurso da Tocha na cidade do Rio de Janeiro, ocorrido em 13 de junho, foi de aproximadamente 49 quilômetros, realizado em oito horas. Várias estrelas do esporte nacional e artistas participaram do evento, como o Rei Pelé – escolhido para ser o primeiro a conduzir a Tocha –, Daiane dos Santos (ginástica), Gustavo Borges (natação), Xuxa Meneghel

DIVULGAÇÃO - COB



DIVULGAÇÃO - COB



PELÉ, QUE ABRIU O REVEZAMENTO, E RONALDO, QUE ENCERROU A CERIMÔNIA, ACENDENDO A PIRA OLÍMPICA

(apresentadora), Marcelo Yuka (músico), Joaquim Cruz (atletismo), Hortência Marcarí e Oscar Schmidt (basquete), Edinanci Silva (judô), Giovanni Gávio e Marcelo Negrão (vôlei), Gustavo Kuerten (tênis) e Ronaldo Nazário (futebol), que encerrrou a cerimônia. □

DIVULGAÇÃO - COB



Saiba mais

Comitê Olímpico Brasileiro

www.cob.org.br

Página oficial do COB, com informações e últimas notícias sobre as Olimpíadas de Atenas 2004, histórico da Tocha Olímpica e curiosidades sobre os Jogos.

Olimpíadas de Atenas 2004

www.athens2004.com

Em inglês. Página oficial dos Jogos Olímpicos de Atenas, com *hotsite* especial sobre o Revezamento da Tocha Olímpica e várias informações sobre os Jogos.

O caminho da Tocha até Atenas



CIDADES PELA ORDEM DE PASSAGEM DA TOCHA:

- | | | | | |
|---------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------|---------------------------------|
| 01 Sydney (Austrália) | 08 Cidade do Cabo (África do Sul) | 14 Nova York (EUA) | 21 Paris (França) | 28 Helsinque (Finlândia) |
| 02 Melbourne (Austrália) | 09 Rio de Janeiro (Brasil) | 15 Montreal (Canadá) | 22 Londres (Inglaterra) | 29 Moscou (Rússia) |
| 03 Tóquio (Japão) | 10 Cidade do México (México) | 16 Antuérpia (Bélgica) | 23 Barcelona (Espanha) | 30 Kiev (Ucrânia) |
| 04 Seul (Coreia do Sul) | 11 Los Angeles (EUA) | 17 Bruxelas (Bélgica) | 24 Roma (Itália) | 31 Istambul (Turquia) |
| 05 Pequim (China) | 12 Saint Louis (EUA) | 18 Amsterdã (Holanda) | 25 Munique (Alemanha) | 32 Sofia (Bulgária) |
| 06 Nova Délí (Índia) | 13 Atlanta (EUA) | 19 Genebra (Suíça) | 26 Berlim (Alemanha) | 33 Nicósia (Chipre) |
| 07 Cairo (Egito) | | 20 Lausanne (Suíça) | 27 Estocolmo (Suécia) | 34 Atenas (Grécia) |

A luta contra o tabagismo

Três milhões de pessoas morrem por ano no mundo por problemas decorrentes do hábito de fumar. **Deixar o vício** é um desafio



Considerado um dos maiores problemas de saúde pública, o hábito de fumar é responsável pela morte de três milhões de pessoas por ano em todo o planeta. Só no Brasil, esse número chega a 200 mil/ano. Além desse quadro assustador, estudos revelam que existe uma grande relação entre tabagismo, baixa renda e baixo nível de escolaridade. Em muitos casos, a dependência química faz com que famílias pobres desviem para a compra de cigarro o dinheiro que poderia ser destinado para alimentação, educação, cultura ou até mesmo para a preservação da saúde.



Esforços estão sendo somados às ações antitabagistas do Ministério da Saúde, que vem realizando um trabalho de base junto à população. São três áreas de desenvolvimento que envolvem a disseminação de informação e educação; apoio ao usuário que queira deixar o vício; e a criação de ambientes livres do fumo em áreas da cidade. "A cidade tem incorporado iniciativas contra o fumo da forma mais forte possível e, principalmente, de maneira contínua", conta Ivano Humbert Marchesi, assessor da Superintendência de Controle do Câncer da Secretaria Municipal de Saúde (SMS).

BRASIL É PAÍS MODELO
EM CAMPANHAS
ANTITABAGISTAS

Segundo o assessor da Superintendência de Controle do Câncer, entre 20% e 30% da população carioca são usuários do tabaco, número que não difere muito do encontrado em outras grandes capitais do país. De acordo com o Ministério da Saúde, 11,6% dos estudantes da rede pública de ensino, entre 10 e 12 anos, já experimentaram o cigarro e 6% deles são usuários freqüentes.

Câncer – Os malefícios do tabaco são provenientes, em grande parte, das partículas de alcatrão nele incluídas, substância comprovadamente cancerígena. A fumaça do cigarro é composta de 2% a 6% de monóxido de carbono, gás tóxico que dificulta o transporte e utilização do oxigênio. Esses compostos também alteram o funcionamento dos microscópicos cílios do sistema respiratório. Como esses cílios limpam as vias respiratórias e livram os pulmões de partículas indesejáveis, como bactérias e compostos químicos nocivos, o fumante também é mais propenso a ter doenças respiratórias.

Metade dos seis tipos de câncer que mais matam no Brasil tem o cigarro como fator de risco. O fumo é responsável também por cerca de 90% dos casos de câncer de pulmão e outras doenças obstrutivas graves, como o enfisema e a bronquite. Além disso, o cigarro está relacionado à causa de tumores malignos em órgãos como a boca, a laringe, o pâncreas, os rins e a bexiga, e os fumantes correm quase o dobro do risco de sofrer um infarto do miocárdio. O cigarro causa ainda lesões nos vasos sanguíneos de todo o

corpo, propicia acidentes vasculares cerebrais, como derrames, aumenta a concentração de LDL (colesterol “mau”) e diminui a concentração de HDL (colesterol “bom”) no sangue.

Pesquisas apontam que o fumante passivo, aquele que não fuma mas está exposto diariamente à fumaça do cigarro, sofre mais com doenças do que o próprio usuário. Isso porque um cigarro aceso produz dois tipos de fumaça: a que o fumante aspira e devolve depois que é filtrada no seu pulmão; e a chamada fumaça lateral, aquela com a qual o fumante passivo entra em contato. A fumaça lateral sai diretamente do cigarro e, por não passar pelo filtro do pulmão de quem está fumando, possui as mesmas substâncias tóxicas que a primeira, só que em concentrações ainda maiores. Ela contém três vezes mais nicotina, três vezes mais monóxido de carbono e 50 vezes mais substâncias cancerígenas.

Modelo – Felizmente, o Brasil é considerado um país modelo em campanhas e legislações antitabagistas e um dos mais engajados no combate ao fumo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Foi a primeira nação do mundo a proibir o uso de expressões como “light” (suave), “ultra-light” (ultra-suave) ou “mild” (ameno), que apareciam nas embalagens de cigarros e induziam o consumidor à falsa impressão de que existiriam produtos de tabaco menos nocivos que outros. E foi o segundo a implementar o uso de imagens obrigatórias, que abordam os males causados pelo tabaco no corpo humano.

A propaganda do produto está praticamente proibida em todo o País, limitando-se aos locais internos de venda, e os impostos cobrados pelo governo brasileiro, da ordem de 75%, são os mais altos da América. E uma boa notícia: o consumo de cigarros vem caindo progressivamente em todo o território nacional. Segundo o Ministério da Saúde, entre 1991 e 2001 houve uma baixa de 30%. Mesmo assim, 1/3 da população adulta brasileira – 11,2 milhões de mulheres e 16,7 milhões de homens – ainda fuma. Cerca de 2,8 milhões de fumantes pertencem à faixa etária de 10 a 19 anos. □



IVANO HUMBERT MARCHESI, DA SUPERINTENDÊNCIA DE CONTROLE DO CÂNCER DA SMS



Saiba mais

www.saude.rio.rj.gov.br/

Na home-page da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS) há uma página específica sobre o tabagismo, dados sobre o consumo entre os servidores municipais e links para outros sites sobre o assunto.

Centros Municipais para Tratamento de Tabagismo

CMS Marcolino Candau

Rua Laura de Araújo, 36 - Centro

CMS Manoel José Ferreira

Rua Silveira Martins, 161 - Flamengo

CMS João Barros Barreto

Praça Serzedelo Correia, s/nº - Copacabana

CMS Ariadne de Menezes

Rua Carlos Gonçalves Penna, s/nº -

Engenho da Rainha

Hospital Municipal Jesus

Rua 8 de Dezembro, 717 - Vila Isabel

PSF Parque Royal

Rua Jornalista Alaíde Pires, 35 - Ilha do Governador

PSF Canal do Anil

Avenida do Canil, 128 - Jacarepaguá

PAM Newton Bethlem

Rua Barão, 259 - Jacarepaguá

PAM Carlos Alberto Nascimento

Praça Major Vieira de Melo, s/nº - Campo Grande

PS Flávio Couto Vieira

Praça Lúcio José Filho, s/nº - Anchieta

PS Buá

Rua Laranjeiras do Sul, s/nº - Magalhães Bastos

PS Eithel Pinheiro Oliveira Lima

Rua M x Rua C - Bangu

PS Maria Aparecida de Almeida

Praça Antônio Matos Areias, s/nº - Paciência

PS Sávio Antunes

Avenida Canal Pista 3, s/nº - Santa Cruz



site

Século XX1

O site Século XX1 busca discutir grandes temas do novo milênio, a partir de questões do cotidiano do educador e do adolescente. A força de uma manifestação cultural como o funk serve de base para analisar, por exemplo, a indústria cultural, a globalização e a revolução tecnológica. O objetivo deste site é fornecer material de suporte para que o professor possa aprofundar sua reflexão sobre as grandes transformações neste início de século.

Atenção, professor!

Veja como você pode utilizar o site.

A navegação no Século XX1 se baseia no uso da palavra CHAVE como browser de um tema - "Rap & Funk", "O novo mundo do trabalho", "Violência urbana e juventude", entre outros. Cada letra representa uma seção do site. Clicando em C, por exemplo, o educador terá acesso a textos que discutam o conceito do tema. Já na letra H, o material aborda a relação entre o tema e aspectos da atualidade. Além disso, o site oferece na letra A sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas com os alunos de forma integral ou com adaptações. Em V, o usuário encontra uma vitrine com várias opções de suporte ao seu trabalho em sala de aula. São sites, livros, músicas, filmes e programas de TV que complementam e ampliam as várias visões apresentadas sobre o assunto. A última seção da CHAVE é a letra E. Nela há relatos de experiências bem-sucedidas nas quais educadores usaram o tema da CHAVE com seus alunos.

O que mais você pode encontrar: O site traz ainda uma nova área: o "almanaque". De caráter mais dinâmico e com atualização diária, ela aborda questões de interesse geral do educador, mas sem relação direta com o tema das chaves. O professor tem à disposição, entre outros itens, reportagens, textos teóricos, banco de experiências, dicionário da web, dicas sobre a utilização de mídia na escola e indicação de sites nos quais o educador pode baixar gratuitamente livros, softwares, filmes e vários materiais de suporte.



Fique atento às novidades: O Século XX1 já colocou no ar sua sétima CHAVE, cujo tema é "Identidade". Ela apresenta ao professor textos que abordam questões como identidades múltiplas, relação entre globalização e culturas juvenis, mídia para jovens e papel da escola no processo de construção das identidades.

Em "Atividade" (letra A da CHAVE), são apresentadas seis propostas de trabalho pedagógico para desenvolvimento em sala de aula com os alunos. Elas utilizam RPG (um jogo muito popular entre jovens), pesquisa de mercado, fotografia, mapas, entre outros elementos.

Atualização: As CHAVES anteriormente publicadas receberam novos conteúdos. A inclusão de textos busca abordar outros aspectos dos temas "Rap & Funk", "Violência urbana e juventude", "O novo mundo do trabalho", "Guerra", "Água" e "Sexo & Mídia". O destaque especial da atualização fica por conta da atividade de "Sexo & Mídia" proposta pela educadora Luciane Sato. As seções dos novos conteúdos do "Almanaque" do Século XX1 foram atualizadas e há dicas importantes para o educador. Em "Favoritos", por exemplo, o professor de Geografia conhecerá um site que oferece cerca de 100 mil mapas de todo o mundo. Já na seção "Com a mão na massa", você descobrirá que fazer um pequeno filme de animação com seus alunos é mais fácil do que se imagina.

Entre e navegue à vontade.

Participe da II Mostra Trocando Idéias com o Século XX1. Informe-se pelo regulamento na página ao lado e mantenha-se sempre atualizado através do site:

www.multirio.rj.gov.br/seculo21

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Educação (SME) e a Empresa Municipal de Multimeios - Multirio, por meio do Departamento Geral de Educação (E/DGED), da Divisão de Mídia-Educação (E/DGED1), do projeto Século XXI, da Assessoria de Integração, do programa e da revista Nós da Escola, propõem aos professores do **Ensino Fundamental** da Rede Municipal de Educação Pública, a realização da **"II Mostra Trocando Idéias com o Século XXI"**. O objetivo é estimular e divulgar a realização e a discussão de projetos que incorporem mídia no processo educativo de crianças, adolescentes e jovens, gerando produtos de uso comunitário, ou seja, produtos de mídia, criados com a participação ativa dos alunos, que sejam utilizados como recursos que ajudem a mobilizar a comunidade (escolar e/ou bairro e/ou sociedade em geral).

A **"II Mostra Trocando Idéias com o Século XXI"** também busca estimular a criação de projetos que tenham algumas das seguintes características: a perspectiva interdisciplinar, a valorização da cultura e do cotidiano dos alunos, o envolvimento, de maneira participativa, do conjunto da escola e da comunidade ou de uma rede de escolas e a discussão sobre a realidade local na qual se insere a escola.

I – DOS PARTICIPANTES

Poderão participar com projetos da **"II Mostra Trocando Idéias com o Século XXI"** os professores do Ensino Fundamental, individualmente ou em grupo, em uma ou várias turmas. Recomenda-se, sempre que possível, o envolvimento nos projetos de professores que tenham experiência no uso de mídia.

II – DOS TEMAS

Os trabalhos deverão ser desenvolvidos em consonância com o projeto político-pedagógico da escola, a partir dos temas principais das CHAVES do site Século XXI: "Violência Urbana e Juventude", "Funk e Rap", "O Novo Mundo do Trabalho", "Guer-ra", "Água", "Sexo & Mídia", "Identidade", e outros que serão criados e publicados no site durante o ano de 2004. O site e o CD-ROM do Projeto Século XXI (www.multirio.rj.gov.br/seculo21) poderão ser utilizados como instrumentos de apoio pelos professores na criação, execução e avaliação de seus projetos, na medida em que possuem material conceitual, de atualidade e pedagógico relativo aos temas. O programa e a revista Nós da Escola poderão ser utilizados como meios de divulgação e debate dos projetos em desenvolvimento pelos professores.

III – DAS INSCRIÇÕES

A **"II Mostra Trocando Idéias com o Século XXI"** aceitará inscrições de projetos que incorporem o uso de mídias, tais como: jornal, jornal mural, revista, livro, vídeo, rádio, TV, cinema, computador e Internet. O projeto poderá incorporar mais de um tipo de mídia conforme a conveniência do(s) proponente(s). **É permitido inscrever projetos iniciados em 2003, desde que continuem seu processo de desenvolvimento em 2004. Serão aceitas as inscrições de experiências que ainda não tenham terminado seu processo de trabalho.**

IV – DOS PRAZOS

1 - Prazo de inscrição: o prazo de inscrição será de 1 de junho a 30 de setembro de 2004, em formulário próprio que poderá ser encontrado no site do Projeto Século XXI (www.multirio.rj.gov.br/seculo21) e nas Divisões de Educação (DED) das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE).

2 - Local de entrega do formulário de inscrição: Departamento Geral de Educação (E/DGED)/Divisão de Mídia-Educação da Secretaria Municipal de Educação, na Rua Afonso Cavalcanti, 455 - bloco 1, sala 459 - CASS, ou pelo e-mail do Projeto Século XXI (seculo21@pcrj.rj.gov.br).

3 - Prazo de entrega do relatório do projeto: após a realização do projeto na escola, deverá ser preparado um relatório para ser enviado até o dia 31 de outubro de 2004 **preferencialmente** para o e-mail seculo21@pcrj.rj.gov.br ou para o departamento Geral de Educação (E/DGED)/Divisão de Mídia-Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME), na Rua Afonso Cavalcanti, 455 - bloco 1, sala 459 - CASS. Caso o relatório seja enviado por e-mail, os anexos, como fitas de vídeo, jornais murais etc., deverão ser entregues pessoalmente ou por meio dos Correios na Multirio, que fica no Largo dos Leões, 15, sala 100 (Século XXI), Humaitá - CEP 22260-210. Se o relatório for enviado pelos Correios deverá ser postado até a data supracitada.

4 - Prazo para avaliação e seleção dos projetos: novembro de 2004.

5 - Prazo para a realização da Mostra de projetos selecionados e de produtos de mídia realizados com adolescentes e jovens: final de novembro de 2004.

V – DAS ESPECIFICAÇÕES DOS RELATÓRIOS DOS PROJETOS

O texto com o relatório do projeto deverá ser digitado (ou datilografado), em cinco vias, tamanho A4 ou ofício, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento de 1,5 em páginas numeradas. Em qualquer caso, o relatório deverá conter as seguintes especificações:

a) Identificação do projeto/autor (folha de rosto)

Nome do projeto; autor(es); função/disciplina; tel./e-mail; CRE/escola; sinopse de cinco linhas sobre o projeto apontando ainda qual(is) mídia(s) foi(ram) utilizada(s), em que tema(s) do Século XXI o projeto se baseou e em que séries/turmas ele atuou.

b) Descrição do projeto e realização

Objetivo; público-alvo; justificativa; mídia(s) utilizada(s); recursos que foram utilizados para viabilizar o projeto; descrição detalhada do processo de trabalho e do uso comunitário do produto; descrição de como o projeto se beneficiou do site/CD-ROM Século XXI; avaliação dos resultados obtidos; registro do processo em suas diversas etapas e do uso comunitário do produto final (fotos e/ou vídeos e/ou impressos etc.).

No envelope do projeto deverão constar a identificação **"II Mostra Trocando Idéias com o Século XXI"** e o nome do projeto.

VI – DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

A comissão de seleção será formada por educadores e profissionais da área de mídia que trabalham com educação.

VII – DOS CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DOS PROJETOS

Os projetos serão avaliados obedecendo aos seguintes critérios:

- Potencial pedagógico do processo de trabalho e do produto final.
- Criatividade na utilização de mídia na educação.
- Capacidade de mobilização social do projeto.
- Adequação aos temas e ao item V deste regulamento, letras a e b, referente à especificação do projeto.

VIII – DOS SELECIONADOS E DA MOSTRA

A comissão de seleção da **"II Mostra Trocando Idéias com o Século XXI"** selecionará os **15 (quinze)** projetos que melhor respondam aos critérios mencionados acima e serão contemplados com os seguintes destaques, durante a Mostra, em novembro de 2004:

a) Cinco projetos terão exposição em mesa-redonda numa plenária geral durante a Mostra, em novembro de 2004.

b) Os autores dos dez projetos restantes terão um espaço dentro da Mostra, ainda a ser determinado, para exporem sua experiência.

c) Divulgação dos 15 (quinze) projetos no programa de TV e na revista Nós da Escola, no site da Multirio, no Boletim Eletrônico do Século XXI e publicação no site Século XXI após a realização da Mostra.

Todos os autores de projetos inscritos na Mostra poderão expor os trabalhos em painel por ocasião do evento.

IX – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

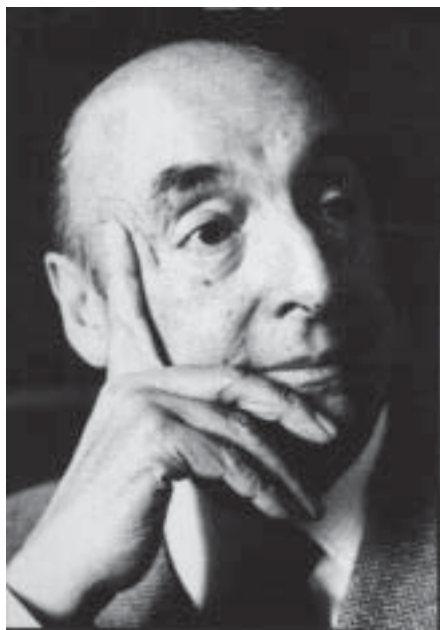
1 - As decisões da Comissão de Seleção serão definitivas e irrecorríveis.

2 - Os originais não classificados, após a divulgação do resultado, ficarão à disposição dos seus autores pelo prazo de 30 dias.

3 - Ao inscrever-se, o professor deverá declarar estar de acordo com todos os itens deste regulamento.

4 - Os projetos participantes terão explícita a autoria e seus autores deverão permitir que a SME/Multirio os divulgue em quaisquer meios.

5 - Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora da **"II Mostra Trocando Idéias com o Século XXI"**.



Especial

Centenário de Pablo Neruda (1904-1973)

Em 2004, o mundo reverencia o talento e a obra do poeta chileno Pablo Neruda, que estaria completando 100 anos em 12 de julho. Autor de livros célebres, como “Canto Geral” (1950), e prêmio Nobel de Literatura em 1971, pelo conjunto da obra, Neruda cultivou duas tradições em sua **arte poética**: a libertária, preocupado com as condições humanas; e a estética, na eterna celebração do amor. Conheça um pouco mais sobre a obra do chileno e saiba por que Neruda é, ainda hoje, reverenciado como um autor de vanguarda.



Neftalí Ricardo Reyes Basoalto nasceu em 12 de julho de 1904, em Parral, no Chile. Com a morte da mãe, vítima de tuberculose, mudou-se com a família para Temuco, onde viria a conhecer, em 1909, sua grande mentora, a poetisa e educadora chilena Gabriela Mistral, diretora do Liceu feminino da cidade. Datam desta época os primeiros versos de Neruda, contrariando o desejo de seu pai, que não queria ver o filho em uma profissão tão “incerta”. Atribuiu-se a Mistral o desenvolvimento em Neruda do gosto por romancistas russos, como Dostoiévski e Tolstói, que acabariam por inspirar o espírito comunista do chileno.

Suas primeiras publicações - “Crepusculário” (1923) e “Vinte poemas de amor e uma canção desesperada” (1924) -, escritas aos 20 anos para os estudos universitários, deram-lhe grande renome local e reconhecimento no exterior. Foi nessa época que passou a assinar sob novo pseudônimo: Pablo, por ser sonante, e Neruda, por empréstimo do poeta tcheco Jan Neruda. Sua obra trazia inovações formais na linguagem, que o colocavam na esteira da poesia moderna. Tinha ainda características singulares, como a busca por temas sensuais e uma fusão, até então improvável, do surrealismo europeu com o realismo de militante comunista.



Saiba mais
Fundação Pablo Neruda
www.fundacionneruda.org

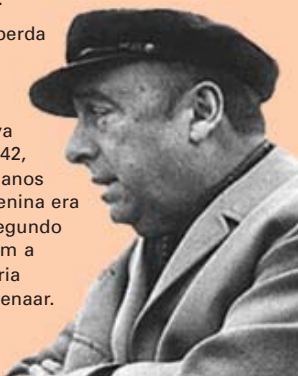
Devido à prematura notoriedade, em 1934 Neruda passou a exercer a função de cônsul chileno na Espanha, primeiro em Barcelona e, posteriormente, em Madri. Graças ao apoio do poeta espanhol García Lorca, logo teve sua obra divulgada naquele país. Nessa época envolveu-se efetivamente com o Partido Comunista e assistiu, em 1936, ao início da Guerra Civil Espanhola, quando Lorca foi assassinado pelos nacionalistas, seguidores do ditador Francisco Franco. Pablo Neruda começou, então, a arrecadar fundos para a causa dos republicanos, para livrar a Espanha do regime franquista.

Essa experiência redireciona a poesia de Neruda para conteúdos mais libertários, conforme pode ser visto nas obras “Residência na Terra”, “Ode a Stalingrado” (1942), “Terceira Residência” (1947) e “Canto Geral” (1950). Estudiosos da obra do poeta chileno consideram esse período como o mais fértil de sua carreira. A transformação artística acompanhou a trajetória pessoal de Neruda, que deixou a diplomacia para, de volta ao seu país de origem, eleger-se senador, em 1945. Poucos anos mais tarde, teve seu mandato cassado, por manifestar-se contra o governo. A partir de 1949, exila-se e passa vários anos longe do Chile. Em seu retorno, fixa residência na pequena Ilha Negra.

Morte – “Odes Elementares” (1954), “Navegações e Retornos” (1959), “Canção de Gesta” (1960), o ensaio “Memorial da Ilha Negra” (1964) e a peça teatral “Esplendor e Morte de Joaquín Murieta” (1967) são suas obras posteriores. Com elas, Neruda completou o acervo poético pelo qual foi agraciado, em 1971, com o Prêmio Nobel de Literatura, distinção que se empenhou pessoalmente em receber. O poeta morreu em 23 de setembro de 1973, após presenciar a deposição de Salvador Allende, por quem Neruda havia renunciado sua candidatura à presidência da República, em 1969. Já debilitado por uma leucemia, o poeta não resistiu à forte emoção. □

Curiosidades

- Extasiado com a beleza do Rio de Janeiro, Neruda dedicou à cidade o poema “Ode ao Rio” (1956) que ilustra o cartaz desta edição de **Nós da Escola**. Para o poeta, a cidade é uma das poucas do mundo que “consegue realizar as fantasias que promete à primeira vista”.
- O primeiro texto de Pablo Neruda, sob o título “Entusiasmo y perseverancia”, foi publicado em 1917 no jornal La Mañana, periódico da cidade de Temuco. Nesta época, Neruda ainda assinava com seu verdadeiro nome.
- Além de Barcelona e Madri, na Espanha, Pablo Neruda foi cônsul chileno nas cidades de Colombo (Sri Lanka), Paris (França), Cidade do México (México), Rangúm (Mianmar, ex-Birmânia) e Cingapura (Cingapura).
- Além de visitar o Brasil em várias ocasiões, Neruda era um admirador da literatura brasileira. Foi grande amigo do baiano Jorge Amado e do amazonense Thiago de Mello, este último tradutor de livros do poeta chileno para o português.
- O segundo livro de Pablo Neruda, “Vinte poemas de amor e uma canção desesperada”, foi um estrondoso sucesso de vendas, atingindo a marca de 1 milhão de exemplares vendidos. Isso em 1924.
- O grande amor de Neruda foi sua quarta e última companheira, a soprano chilena Matilde Urrutia, que ele conheceu durante o exílio no México. O romance causou escândalo na época, já que o poeta ainda era casado com a pintora argentina Delia del Carril.
- Uma grande perda vivida pelo poeta chileno foi a morte de sua filha, Malva Marina, em 1942, com apenas 8 anos de idade. A menina era fruto de seu segundo casamento, com a holandesa Maria Antonieta Hagenaar.



Complementando nossa matéria de capa, seguem dicas para sua atualização. Divirta-se!

LIVROS



Estação imagem: desafios

Paulo Bernardo Vaz
e Vera Casa Nova (orgs.)
Editora UFMG (2002)

Na rua, no ônibus, no cinema, na TV, nas bancas de jornais, em qualquer direção que se olhe, lá estão elas, as imagens – fragmentos do visual carregados de sentido, oferecendo a experiência pulsante da linguagem. As imagens são os *personagens* do livro *Estação imagem: desafios*, lançado pela Editora UFMG e organizado pelos professores Paulo Bernardo Vaz e Vera Casa Nova, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais.

As cores na mídia

Luciano Guimarães
Editora Annablume (2003)

Este livro aborda as intenções no uso da cor como informação e cria um instrumento teórico para a análise e a elaboração de produtos jornalísticos que utilizam imagens em cores, como jornais, revistas, websites e telejornais.



Para a garotada

LIVRO



Alecrim

Rosa Amanda Strausz
Editora Objetiva (2003)

Finalista do prêmio Jabuti 2004. Ninguém

sabe muito bem como elas surgem. As fadas aparecem quando a gente precisa e depois voam para outro lugar. Em *Alecrim*, Rosa Amanda Strausz nos apresenta uma fada diferente de todas as outras. *Alecrim* nasceu de um repolho. Assim, de repente, ela surgiu no reino das fadas. Mas o que fazer com aquele bebê-fada? Quem cuidaria dela? Quem lhe ensinaria os princípios da magia? Ou será que já nascera sabendo?

VÍDEO



Peter Pan – O Filme (EUA,2003)

Direção: P.J. Hogan

A clássica história de Peter Pan (Jeremy Sumpter), um garoto que não cresce e vive na Terra do Nunca, juntamente com os garotos perdidos e a fada Sininho (Ludivine Sagnier). Um dia, as crianças da família Darling recebem a visita de Peter Pan e partem com o novo amigo e Sininho numa inesquecível aventura. Em meio a muita diversão, a turma terá de enfrentar o temível Capitão Gancho (Jason Isaacs).

Duração: 113 minutos.

Ser criança é...

Ter uma casa para morar.

Uma escola para estudar.

Um dia para brincar.

E várias pessoas para nos amar.

E muitos amigos para alegrar.





NÓS DA ESCOLA

Depois do recesso
Procure sua revista

MULTIRIO

central de atendimento: (XX21) 2528 8282 • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br